

Começa mais um Festival Villa-Lobos com recitais a R\$ 1

PÁGINA 3



A Berlinale vem aí. Confira as grandes apostas

PÁGINAS 4 E 5



Sucesso nas capitais, 'A Aforista' volta ao Rio

PÁGINA 7



## 2º CADERNO



Felipe Kautz/Divulgação

*Gabriel Aragão concilia a vida como músico profissional e os desafios de refletir sobre direitos autorais nesses tempos de inteligência artificial*

O tópico da inteligência artificial tem pautado diversos debates nos mais variados segmentos - e não é para pouco. Com o maior acesso a ferramentas que geram conteúdos de forma gratuita e com grande precisão, surgem questões éticas, legais e econômicas. A IA está sendo apontada como uma grande responsável pelo desaparecimento de funções há muito estabelecidas. No mercado criativo, uma das perguntas - ainda sem resposta - é a questão do direito autoral. Afinal, como ele fica no contexto de obras criadas em “parceria” com ferramentas de texto, design e vídeo?

Especificamente na criação musical, o uso da IA levanta desafios legais relacionados à autoria, uma vez que a legislação brasileira atualmente protege apenas obras criadas por seres humanos. A falta

de atualização das leis de direitos autorais, que datam de 1998, deixa lacunas diante da evolução tecnológica e das questões éticas que surgem 25 anos depois.

# Dilemas em tempos de IA

Gabriel Aragão comenta como os recursos da inteligência artificial afetam questões relacionadas ao direito autoral

A colaboração entre humanos e IA já está moldando o presente da música, e cláusulas contratuais desempenham um papel fundamental na definição dos direitos autorais.

O cantor e compositor Gabriel Aragão é um nome que transcende as barreiras entre a música e o mundo jurídico. Com sua formação em Direito e uma carreira musical renomada - tanto solo quanto à frente da banda Selvagens à Procura de Lei -, ele conhece em primeiro mão os dilemas legais enfrentados no mundo da música, em especial no contexto do streaming.

Para Aragão, a atualização das leis de direitos autorais é essencial. “Todo profissional precisa e merece saber o porque se ganha o que se ganha. Com os músicos e compositores, ainda mais, pois é uma área repleta de incertezas, fruto do desconhecimento. Há um desconhecimento por parte do próprio judiciário de como julgar casos no contexto do streaming, dada a falta de transparência. Resumindo: vivemos a ‘uberização’ do trabalho de músico/compositor, sem proteção dos próprios direitos”, ele ressalta.

**Continua na página seguinte**

## CORREIO CULTURAL

Reprodução Instagram



Silvio está afastado das gravações há mais de um ano

## Cíntia Abravanel comenta a velhice de Silvio Santos

Cíntia Abravanel, a filha mais velha de Silvio Santos, afirmou que o apresentador tem tido dificuldades para lidar com a própria idade. Ele vai completar 93 anos no mês que vem.

“O Silvio Santos que vocês querem está no YouTube. Ele não é mais aquela pessoa. Para ele também deve estar sendo difícil”, afirmou em en-

trevista ao podcast Christina PodTudo.

“Ele fala ‘não gostei de brincar disso, ficar velho é muito ruim, dói tudo, o corpo dói’. Para o lado artístico dele, é difícil. As pessoas não se tocam que aquele Silvio Santos não existe mais”, acrescentou.

Silvio Santos completou um ano longe das gravações do SBT em setembro.

### Remake

A HBO Max deverá realizar uma nova versão da novela “Pai Herói”, sucesso da Globo em 1979 nas mãos de Janete Clair (1925-1983), considerada a maior autora de novelas da história da televisão. Se tudo der certo, a produção começará em 2024.

### Mulher real

Pamela Anderson decidiu não usar mais maquiagem. Em casa e nos grandes eventos, a atriz prefere agora a aparência mais natural possível. “Quero mostrar a mulher real que sou. Não quero aparecer sempre maquiada. Tinha de ser eu mesma”.

### Bahia inspira

“É agrídoco e nostálgico”, diz Angela Bassett sobre sua vinda à Bahia. “Sendo Salvador a primeira [cidade] a importar nossos ancestrais, há uma fonte de inspiração que ela tem.” A artista esteve presente na capital baiana para o Festival Liberatum.

### Viva a leitura!

Projeto que inaugura bibliotecas em Comunidades, o Favelivro inaugura no próximo dia 14 sua 35ª unidade. Trata-se da Biblioteca Zeca Pagodinho na Comunidade do Jacarezinho. A escolha do nome foi feita pelos próprios moradores.

# Uma revolução em curso num momento histórico

Reprodução YouTube



A IA foi fundamental na recuperação da voz de John Lennon para o lançamento a faixa ‘Now and Then’

A trajetória de Gabriel Aragão é marcada pela fusão entre seus interesses musicais e acadêmicos. Ele se formou em Direito, mas sua paixão pela música o levou a se juntar aos Selvagens há uma década. Embora tenha se afastado da faculdade, Aragão retornou para concluir o curso, concentrando-se no estudo dos direitos autorais, principalmente no contexto do streaming.

Sua tese, “Direitos Autorais e a Hipossuficiência do Criador Musical: Uma Análise da Transparência e da Remuneração no Contexto do Streaming de Música no Brasil”, se tornou referência na área.

A revolução da IA acontece em um momento histórico, também, para o negócio da música. A indústria passa por uma busca de maior autonomia dos artistas em relação aos seus catálogos. O cenário da autoria musical se tornou mais complexo, com a rápida evolução da tecnologia e novas possibilidades de produção.

Em âmbito global, a discussão sobre a IA e direitos autorais está avançando em países como China e

Estados Unidos. Recentemente, um tribunal dos EUA decidiu que obras de arte criadas exclusivamente por inteligência artificial não estão sujeitas à proteção de direitos autorais, a menos que haja uma contribuição significativa de criatividade humana. Isso destaca a necessidade de revisão das leis para acomodar as criações da IA e abre o debate sobre o significado do papel humano na criação artística. À medida que a tecnologia avança, a adaptação legal e contratual se torna essencial para equilibrar a proteção dos criativos com o uso responsável da inteligência artificial.

A utilização dessas ferramentas na indústria do entretenimento também gera atrito para além da música, especialmente evidenciado pelas greves de atores e roteiristas de Hollywood. Esses profissionais vêem suas oportunidades e condições de trabalho diminuindo à medida que suas criações são usadas para alimentar máquinas, levantando a questão de uma possível crise na indústria criativa global.

Mas nem tudo envolvendo a inteligência artificial é negativo. A

ideia de que a IA está chegando para roubar empregos é um fenômeno recente que desconsidera um fato importante: essas tecnologias fazem parte, há algum tempo, do cotidiano de muitos. Afinal, ela está influenciando assistentes virtuais, recomendações personalizadas, mídias sociais, comércio eletrônico, assistência médica, carros autônomos e muitas outras áreas, tornando as interações mais personalizadas e eficientes em diversas esferas da sociedade.

Um exemplo positivo foi o lançamento póstumo da faixa “Now and Then” pelos Beatles. A partir de uma fita cassete demo gravada por John Lennon (1940-1980), a faixa seria completada em 1995 por Paul McCartney e George Harrison (1943-2001). Como os registros da voz de John e seu piano estavam insatisfatórios até agora.

A equipe do cineasta Peter Jackson desenvolveu a tecnologia necessária para separar os trechos de áudio e dividir os componentes musicais. A ferramenta permitiu isolar e limpar a voz de Lennon dos ruídos da gravação para ser utilizada na canção com o acréscimo de outros instrumentos.

A IA não gerou conteúdo novo ou artificial com a voz do cantor, apenas recuperou o antigo material, o que reduz possíveis implicações éticas sobre uso de IA e deepfakes para gerar conteúdo novos de artistas falecidos. Na prática, a tecnologia apenas refinou o conteúdo pré-existente.

Gabriel Aragão reconhece que a IA está presente na vida da maioria dos músicos no contexto profissional. “A IA já é utilizada em todos os programas de gravação. Acontece apenas que o salto evolutivo da IA está chegando próximo a uma revolução de como nos organizamos enquanto sociedade em todos os sentidos. Não vejo como ameaça, acho que a expressão da alma do ser humano pela arte sempre será mantida e apreciada por outros seres humanos. A IA será uma ferramenta enquanto tratarmos ela como ferramenta”, ele aponta.

Como toda ferramenta, o que importa no final é como ela é utilizada - seja para construir ou para destruir. O impacto real da inteligência artificial generativa só poderá ser sentida com o passar do tempo.

Museu Villa-Lobos e Museu Virtual de Instrumentos Musicais unem-se na organização do evento que vai desta terça até o fim do mês com concertos e recitais a R\$ 1



Divulgação

*Turíbio Santos dirige o Museu Villa-Lobos, criado por sua viúva em 1960*

# Festival Villa-Lobos turbinado

O Museu Villa-Lobos (MVL) e o Museu Virtual de Instrumentos Musicais (MVIM) se unem, a partir desta terça-feira (7) na organização da 61ª edição do Festival Villa-Lobos e do I Seminário Música e Museu em Sintonia: Museu Virtual de Instrumentos Musicais e suas parcerias.

O Festival Villa-Lobos é um tradicional evento que o Museu Villa-Lobos realiza desde 1963, sendo o seu mais longo projeto em execução. Foi criado na gestão de Arminda Villa-Lobos – viúva de Heitor Villa-Lobos – com os objetivos de ampliar o acesso à música brasileira de concerto, em especial à obra do compositor, músico e maestro, e de promover a preservação do patrimônio musical brasileiro.

Nesta 61ª edição, em sintonia com as questões e emergências do tempo presente, a instituição pretende evidenciar sua busca em se reinventar, expandindo sua função social sem perder de vista os obje-



Vitor Kelm/Divulgação

*David Chew apresenta o cello usado por Villa-Lobos no debate de abertura*

tivos de pesquisa, produção de conhecimento, conservação do acervo e lugar de memória.

O I Seminário Música e Museu em Sintonia: Museu Virtual de Instrumentos Musicais e suas parcerias, em sua primeira edição, representará um marco comemora-

tivo das realizações e parcerias desenvolvidas pelo MVIM ao longo dos 12 anos de existência desse projeto criado pelo Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia – IBICT com financiamento da Fundação Carlos Chagas de Amparo à Pesquisa do Estado

do Rio de Janeiro – FAPERJ. O museu, que agrega as coleções de instrumentos musicais do Museu Delgado de Carvalho da Escola de Música da UFRJ, do Instituto Moreira Salles e do Museu Villa-Lobos, consolidou-se como um espaço de convergência de acervos

e conhecimento ao promover a reunião desses instrumentos no mundo virtual, o que não seria possível no mundo físico.

Os dois museus irão celebrar sua parceria neste evento conjunto, que será realizado entre os dias 7 e 30 de novembro, contando com o apoio fundamental da FAPERJ e, também, do Rio Cello – o maior festival de violoncelos do país –, por meio de seu fundador, o violoncelista David Chew, incentivador da popularização da música clássica e da manutenção da memória de Heitor Villa-Lobos.

Na abertura do evento, durante a Roda de conversa “Encontro com Villa-Lobos”, com o violonista Turíbio Santos, David Chew apresentará o violoncelo que pertenceu a Villa-Lobos.

No escopo do programa, alguns instrumentos que fazem parte da coleção do MVL e do MVIM estarão presentes em apresentações musicais que lhes darão vida, revelando um acervo que tem seu sentido ampliado por meio da utilização e da música que pode produzir.

O evento reunirá músicos, musicólogos, museólogos e luthiers que apresentarão concertos musicais, pesquisas e relatos sobre o universo que envolve a música e o Museu, no que se refere às conexões, desdobramentos e descobertas que essa aproximação propicia, onde os instrumentos musicais terão um lugar de destaque como personagens e testemunhos importantes sobre quem os constrói, sobre quem os toca e sobre as manifestações culturais das quais fazem parte.

## SERVIÇO

FESTIVAL VILLA-LOBOS E DO I SEMINÁRIO MÚSICA E MUSEU EM SINTONIA  
Museu Villa-Lobos (Rua Sorocaba, 200 - Botafogo) e Museu Virtual de Instrumentos Musicais ([www.mvim.com.br](http://www.mvim.com.br))

De 7 a 30/11

Abertura em 7/11, às 18h, com a roda de conversa “Encontro com Villa-Lobos”

Ingressos: R\$ 1

Programação completa em <https://encurtador.com.br/fCO17>

# Alvos na corrida

Primeiras apostas para a Berlinale 2024 já começaram

Por Rodrigo Fonseca  
Especial para o Correio da Manhã

**J**á tem data para a 74ª edição da Berlinale: 15 a 25 de fevereiro, na capital alemã. A promessa é que seja o evento de despedida da diretora Mariëtte Rissenbeek, que revolucionou o Festival de Berlim, a partir de 2020, ao levar Carlo Chatrjian para a curadoria. A proximidade da festa cinéfila germânica já agita o mercado cinematográfico, com apostas para as vagas na competição pelo Urso de Ouro de 2024. Fala-se desde já nos possíveis concorrentes e de potenciais atrações para seções hors-concours:

**“CHOCOBAR”, DE LUCRECIA MARTEL (Argentina):** Seis anos depois do aclamado “Zama”, a diretora argentina aposta nas narrativas documentais, explorando os bastidores políticos da morte do militante indígena Javier Chocobar por latifundiários.

**“DANS LE VISEUR”, de André Téchiné (França):** Isabelle Huppert empresta seu talento a um mestre europeu na saga de uma policial que se afeiçoa por seus novos vizinhos mas entra em dilema ao descobrir que um deles tem um passado de crimes.

**“LE CHEMIN DU SERPENT”, de Kiyoshi Kurosawa (Japão):** O Brian De Palma da Ásia, recebido como um mestre na Berlinale de 2016 com “Creepy”, deve retornar ao festival alemão com um thriller protagonizado por Mathieu Amalric, falando da operação armada



**Estômago 2**



**Dans Le Viseur**



**La Colline Parfumée**

entre uma agente japonesa e um francês que perdeu a filha num atentado.

**“LE MOLIÈRE IMAGINAIRE”, de Olivier Py (França):** Um dos atores mais consagrados da Europa hoje, Laurent Lafitte encarna o próprio Molière, numa trama ambientada em 1673, quando o dramaturgo apresenta “O Doente Imaginário” e se acometido por

um mal de saúde. Seu empenho é permanecer no palco e manter a dignidade.

**“LA COLLINE PARFUMÉE”, de Abderrahmane Sissako (Mauritânia):** O diretor indicado ao Oscar por “Timbuktu” (2014) fala de um amor entre imigrantes chineses e africanos em meio à opressão da xenofobia. A trama começa do momento em que uma jovem, na Cos-



**Doraemon: Nobita's Earth Symphony**

ta do Marfim, diz “Não!”, em sua cerimônia de casamento, e se muda para Guangzhou, na China.

**“RELATO DE UM CERTO ORIENTE”, de Marcelo Gomes (Brasil):** Indicado ao Urso dourado de 2017 com “Joaquim”, o cineasta pernambucano pode voltar à disputa alemã com sua imersão no mundo amazônico de Milton Hatoum. A trama acompanha

imigrantes libaneses que vão morar em Manaus, capital do Estado do Amazonas, na década de 1950.

**“THUG”, de Hans Peter Moland (EUA):** Queridinho de Berlim, o cineasta norueguês retoma sua parceria com o Charles Bronson dos anos 2010/2020, o irlandês Liam Neeson, a fim de narrar a saga crepuscular de um gângster que, cansado do crime, decide fa-

# ao Urso de Ouro

Fotos Divulgação



Los Viejos Soldados



Heaven and Hell

Divulgação



Chocobar



Pashmina

zer as pazes com parentes há muito sumidos.

**“DORAEMON: NOBITA’S EARTH SYMPHONY”, de Kazuaki Imai (Japão):** Lá se vão 21 anos desde que “A Viagem de Chihiro” deu a Hayao Miyazaki o Urso, consagrando a animação nipônica. Agora, o segmento mais rentável da indústria audiovisual asiática pode voltar ao festival com

a saga do gato robótico, chamado Doraemon, que voltou dois séculos no passado para ajudar um estudante desastrado, o guri Nobita Nobi, a se socializar. No novo filme derivado das HQs de do Fujiko F. Fujio, Nobi trava novas amizades numa seara de perigos.

**“ALMA”, de Sally Potter (Reino Unido):** Aos 73 anos, a diretora do cult “Orlando, A Mulher Imortal”

(1992) volta às telas para narrar as disputas familiares de um clã de arqueólogos que usa um sítio de escavação de fósseis como arena para uma guerra de egos.

**“LOS VIEJOS SOLDADOS”, de Jorge Sanjinés (Bolívia):** O veteraníssimo diretor de “A Nação Clandestina” (1989) regressa à ficção para narrar a jornada de um grupo de revolucionários da Amé-

rica Latina hoje, numa luta contra contratempos do capitalismo.

**“PASHMINA”, de Gurinder Chadha (Reino Unido):** Nascida no Quênia, a cineasta inglesa de origem indiana aposta na linguagem de animação para narrar o périplo de uma adolescente pra descobrir sua ancestralidade a partir de um cachecol.

**“A ARCA DE NOÉ”, de Sérgio Machado (Brasil):** Produzido por Walter Salles e pelos irmãos Caio e Fabiano Gullane, o novo trabalho do realizador de “Cidade Baixa” (2005) resgata, como longa de animação, os sonetos de Vinícius de Moares, outrora transformados em espetáculo musical, agora na forma de aventura. Nela, um trio de ratos (com as vozes de Alice Braga, Rodrigo Santoro e do já citado Noé) lutam para escapar do dilúvio.

**“ARMORED”, de Justin Rout (EUA):** Agora que Sylvester Stallone virou cult, com homenagem em Cannes (em 2019) e filme de encerramento no TIFF -Toronto Film Festival (em setembro), é provável que ele brilhe em Berlim no papel de um segurança de transporte de valores que tem o caminhão perseguido por criminosos.

**“NOBODY’S HEART”, DE ISABEL COIXET (Espanha):** A prolífica diretora catalã conhecida por cults como “Fatal” (2008) narra a desagregação de um casal vivido por Gugu Mbatha-Raw e Edgar Ramírez, com base em conto de William Boyd.

**ESTÔMAGO 2 – O PODEROSO CHEF, de Marcos Jorge (Brasil):** O sempre inquietante diretor de “Mundo Cão” (2015) volta aos cinemas depois de brilhar no streaming com uma série sobre Celso Daniel. Rodado par-

te no Brasil, parte na Itália, esta comédia mafiosa resgata personagens do filme de cult de 2007, premiado mundialmente. Essa “parte dois” acompanha as aventuras do ex-presidiário Raimundo Nonato (João Miguel) na Europa, numa família de gângsters, para a qual vai trabalhar como chef. Aos poucos, sua presença para além da cozinha.

**“THE END”, de Joshua Oppenheimer (EUA):** O realizador de “O Ato de Matar” (2012) volta às telas com um elenco estelar (Tilda Swinton, Michael Shannon, George MacKay) a fim de contar a saga da última família que sobrou no planeta. A história desse clã é narrada em forma de musical.

**“HEAVEN AND HELL”, de Huang Chao-Liang (China):** Produzido pelo midas autoral Jia Zhangke, este thriller narra a relação de amizade entre um fugitivo da Justiça, acusado injustamente de ter assassinado o próprio filho, e um homem exótico, de atitude delirante, vivido por Shi Pengyuan. A relação entre os dois vai beirar a loucura.

**“LA PLUS PRÉCIEUSE DES MARCHANDISES”, de Michel Hazanavicius (França):** Adaptado da literatura de Jean-Claude Grumberg, esta animação do realizador de “O Artista” (Oscar de Melhor Filme em 2012) traz um dos últimos trabalhos do genial ator Jean-Louis Trintignant, morto em 17 de junho deste ano. A trama regressa à Segunda Guerra Mundial, quando uma família judia francesa é deportada para Auschwitz. No trem para o campo de concentração, onde a morte espera seus parentes mais amados, o pai daquele clã, num gesto desesperado, joga um de seus gêmeos na neve, onde o menino é descoberto por um casal polonês.

# Mirada indígena em ebulição

‘Somos Guardiões’ conquista prêmios na Mostra de São Paulo e na Inglaterra e se candidata a cult

Por Rodrigo Fonseca  
Especial para o Correio da Manhã

**T**ratado indigenista, “Somos Guardiões”, de Edivan Guajajara, Chelsea Greene e Rob Grobman, saiu do Festival do Rio, em outubro, com status de cult, e confirmou sua vocação para o prestígio sair laureado da Mostra de São Paulo, na semana passada. Saiu do evento paulista com a láurea de júri popular e com o prêmio Cultures of Resistance.

A honraria, no valor de US\$ 10 mil, é concedida aos proteto-

res da floresta das aldeias Tembé e Guajajara e à mídia indígena, exclusivamente para a compra de câmeras, drones e tecnologia adicional, e se destina a equipar os indígenas para melhor documentar e proteger a floresta amazônica em seus territórios. O filme foi eleito ainda o Melhor .Doc no Raindance, na Inglaterra. Todas essas vitórias ampliam a expectativa do circuito por sua carreira comercial.

Sua caudalosa narrativa promove um estudo sobre o guardião da floresta indígena Marçal Guajajara e a ativista Puyr Tembé enquanto eles lutam para



Divulgação

*‘Somos Guardiões’ une política, história, economia, ciência e consciência, fornecendo uma visão aprofundada da questão ambiental*

# ‘Pedágio’ tá pra lá de Marrakech

Longa vai representar o Brasil no badalado festival marroquino

Longa-metragem mais laureado da competição oficial pelo troféu Redentor da Première Brasil 2023, com prêmios de Melhor Atriz Secundária, Ator, Atriz e Direção de Arte, “Pedágio” vai representar o Brasil na disputa pela Estrela de Ouro do Festival de Marrakech, no Marrocos.

O evento vai de 24 de no-

vembro a 2 de dezembro. A produção pilotada por Carolina Markowicz chega aos cinemas marroquinos com a fama de ser uma cartografia das arbitrariedades do preconceito arraigado na sociedade latino-americana. Sua realizadora foi homenageada no Festival de Toronto, no dia 10 de setembro, com o Tribute



Divulgação

*Maeve Jinkings tem um desempenho arrebatador no papel da mãe solteira que submete o filho adolescente (Kauan Alvarenga) a um processo de cura gay.*

proteger seus territórios do desmatamento, bem como um madeireiro ilegal que não tem escolha a não ser derrubar a floresta e um grande proprietário de terras à mercê de invasores e da indústria extrativa.

O filme une política, história, economia, ciência e consciência, fornecendo uma visão aprofundada desta situação complexa e crítica — cujas origens e impacto se espalham muito além dos limites da própria Amazônia.

“Não tivemos um roteiro para realizar as gravações, que se estenderam por cerca de três anos”, disse Edivan ao Correio. “Fui chamado para facilitar o diálogo entre a equipe e os indígenas nos territórios. Com decorrer do processo de gravação, eu vi que eu faria muito mais do que um simples assistente de logística”.

Na luta dos povos originários para a demarcação de sua autotificação e de sua representação etnográfica, “Somos Guardiões” assume um papel geopolítico estratégico, sem abrir mão de seu viés poético. “Meu desejo era contar o que se passa no nosso território”, diz Edivan. Queriar dar voz àquilo que nossas lideranças passam no seu dia a dia”.

Awards, na categoria Talento Emergente.

Duas semanas depois, encantou os Horizontes Latinos do Festival de San Sebastián com o olhar irreverente sobre os pecados morais do Brasil (entre eles o crime da homofobia). Um ano depois de ter brilhado mundialmente com “Carvão”, ela brilha com um devastador retrato do conservadorismo brasileiro. Maeve Jinkings tem um desempenho arrebatador no papel da mãe solteira Suellen, cobradora de uma portagem, que resolve submeter seu filho adolescente a um processo de cura gay. O rapaz é vivido por Kauan Alvarenga, estrela da curta-metragem que deu à realizadora a Queer Palm de Cannes, em 2018: “O Órfão”. (R.F.)

**U**m exemplar de um teatro vigoroso, contemporâneo, vivo, feito com arte, poesia, profundidade, domínio técnico, emoção, versatilidade, ou seja, um grande espetáculo. Assim é “A Aforista” com a grife da curitibana Cia. Stavis-Damaceno, fundada há 20 anos por Rosana Stavis e Marcos Damaceno, e que vem trabalhando com uma proposta estética bem singular na exploração de linguagens cênicas.

Rosana Stavis é uma “entidade”, quando vista em cena. Uma atriz que não é só ela, mas a humanidade inteira, tudo que somos, tudo que já fomos, tudo que um dia poderemos ser... Tanto que por isso, muito frequentemente, é apontada pela crítica especializada como uma das melhores atrizes do teatro brasileiro na atualidade. E Damaceno é um dos principais nomes do teatro de Curitiba, com vários prêmios recebidos e trabalhos de formação voltados para a dramaturgia contemporânea.

Em janeiro deste ano “A Aforista” estreou nacionalmente em temporada no Teatro I do CCBB Rio. De lá para cá fez mais de 120 apresentações em temporadas pelo CCBB Brasília, São Paulo e Belo Horizonte, além de Curitiba. Com o sucesso de público, crítica e as primeiras indicações à premiações, o CCBB Rio convidou a produção para uma nova temporada, desta vez no Teatro II, a partir desta quarta-feira (8).

“A Aforista” traz à cena uma mulher (Rosana Stavis) andando sem parar em direção ao enterro de um antigo amigo da faculdade de música. Enquanto anda, lhe vêm pensamentos acerca de sua própria vida, os caminhos escolhidos por ela e seus antigos amigos, todos “promessas da música”. Caminhos que vão da plenitude da realização ao fracasso fatal. A peça abre ao público a mente dessa mulher, a aforista, na qual se sobressaem a confusão como linguagem, o ritmo vertiginoso, o excesso de informações, as digressões, além de boas doses de ansiedade e perturbação, mas frequentemente hilariante.

A narradora verbaliza em um



*A música cumpre papel de destaque no espetáculo, sendo a atriz Rosana Stavis acompanhada por dois pianos tocados ao vivo*

# Um espetáculo vigoroso

Sucesso de público e crítica em cinco cidades “A Aforista” retorna ao CCBB Rio

estado próximo ao devaneio – ou, melhor, da loucura – onde seus pensamentos, lembranças e imaginação fluem líricos em certos momentos, pesados em outros, tornam-se pouco imaginativos e medianos em certos trechos, para logo em seguida flertarem com a filosofia e o sublime, tornando-se expansivos, contraditórios e, principalmente, com confu-

sões e associações próprias da mente humana em nossos dias. É uma arquitetura mental em espiral, de pensamentos entrecortados por outros pensamentos que se interrompem e são retomados em um looping sem fim. São narrativas densas e sófregas que ficam risonhas. Pensamentos sublimes e elevados que escorregam para o grotesco, assim como é a vida da gente.

“É uma peça sobre as decisões que tomamos. Sobre as nossas escolhas. Os caminhos que seguimos e onde nos levam. É também uma peça sobre nossos sonhos, nossos desejos, principalmente na juventude. E de como lidamos com eles, com nossas frustrações, com nossas insatisfações”, comenta o autor e diretor Marcos Damaceno.

A peça apresenta como um dos personagens centrais o famo-

so pianista John Marcos Martins. Outro pianista, Polacoviski, tem um destino trágico. A narrativa desenvolve-se a partir das lembranças, pensamentos e imaginação da terceira personagem, a narradora, amiga de John Marcos Martins e de Polacoviski, e por eles apelidada de aforista. A narradora, que está sempre andando e enquanto anda, pensa em como se deu tudo. Sua relação com seus antigos amigos de faculdade, o caminho que cada um seguiu, onde esses caminhos os levaram e o quanto esses caminhos tomados influenciaram, inclusive, na vida uns dos outros.

Segundo o diretor, o texto da peça é uma conversa com argumentações postas por Thomas Bernhard respondendo e contrapondo questões colocadas pelo autor austríaco em sua extensa

obra, permitindo-se desviar para outros assuntos, outras situações, outros lugares. Um mergulho na memória e nas possibilidades que cabem numa vida. A mente como protagonista ou lugar de ação e o impacto quase que exclusivamente pela força do elenco e das palavras são marcas das encenações da Cia. Stavis-Damaceno.

“O pensamento é o lugar onde se passa a peça: ‘andando vamos resolvendo as perturbações do pensamento’, diz a aforista enquanto anda e pensa”, destaca Damaceno.

A música cumpre papel de destaque no espetáculo, sendo a atriz Rosana Stavis acompanhada por dois pianos tocados ao vivo pelos músicos Sérgio Justen e Rodrigo Henrique, que duelam no palco e dão o tom da narrativa com a trilha original criada pelo compositor Gilson Fukushima.

## SERVIÇO

A AFORISTA

Centro Cultural Banco do Brasil – Teatro II (Rua Primeiro de Março, 66, Centro)

De 8/11 a 3/12, de quarta a sábado (19h) e domingo (18h)  
Ingresso: R\$ 30 e R\$ 15 (meia)

## Tecnologia e calor humano. Têm que estar sempre juntos.

Uma empresa que há 42 anos administra  
uma liderança imbatível de mercado tem que  
entender muito de administração.

Protel. A administração condominial que une  
tecnologia com calor humano no atendimento.

Síndicos felizes recomendam.

Vai ser eficiente assim lá em casa.

**PROTEL**

ADMINISTRAÇÃO DE CONDOMÍNIOS.